

O LUGAR DE *CASA-GRANDE & SENZALA* NOS ESTUDOS DE LITERATURA

Tatiana Batista ALVES²

- RESUMO: Observar *Casa-grande & Senzala* como uma “literatura em potência” porque se insere tanto nos estudos das Ciências Sociais e da História, como nos estudos literários. O artigo pretende verificar que é possível aplicar a teoria da literatura como instrumento de análise desta obra quer por causa das marcas literárias, quer porque podemos encará-la como epistemologia, isto é, como teoria do conhecimento – no caso específico, do conhecimento da história. Tenciona-se observar a obra freyriana como um texto explicador da formação da sociedade brasileira, buscar seu lugar no pensamento social brasileiro e o seu “entre-lugar” na literatura. Desta forma, questiona-se, naturalmente, qual é o lugar institucional de um texto e, sobretudo, qual é o espaço do pesquisador de literatura nos mais amplos lugares de saber.
- PALAVRAS-CHAVE: Literatura; ciência; história; Gilberto Freyre; Bakhtin.

Pensar em *Casa-grande & Senzala* dentro dos estudos literários, significa refletir em quais aspectos o texto freyriano se adequa e se aproxima da literatura propriamente dita. Nesta perspectiva, há que se entender o conceito de ensaio (gênero textual em que é classificada a obra de Gilberto Freyre), e tentar definir em que lugar ele se adéqua: se dentro de uma narrativa literária, de um discurso científico ou em nenhum dos casos. Tal averiguação não é sem propósito para o pesquisador do objeto literário, pois implica a angustiante e incessante tentativa de conceitualizar e definir o que é Literatura, o que é ficção e o que é realidade.

O objetivo deste artigo é pensar *Casa-grande & Senzala* como um texto explicador da formação da sociedade brasileira, averiguar seu lugar no Pensamento Social Brasileiro, bem como buscar o seu “entre-lugar” nos diversos gêneros textuais – esta tarefa direcionada, sobretudo, aos estudiosos da área de Letras. A necessidade desta

² Doutoranda em Literatura Comparada – Universidade Federal Fluminense – UFF – 24210-000 – Niterói – RJ. E-mail: tinana27@hotmail.com

última investigação se justifica pela recorrência de marcas literárias no ensaio freyriano, constatando-se ser um texto que tanto contribui para o pensamento científico brasileiro como para a Literatura Brasileira.

Casa-grande & Senzala não deve ser negada pela ciência por ser ensaio, nem pelo mesmo motivo pelos estudos literários. Se há marcas literárias dentro de uma narrativa que se quer científica, tal fenômeno abre espaço para o pesquisador de literatura atuar numa investigação que norteie a sua especialidade. Entretanto, não é correto pensar que, devido à pluralidade de influências e marcas que o texto possuiu, poderemos decidir se *Casa-grande & Senzala* é literatura ou discurso científico. O que se propõe é que cada pesquisador escolha qual será o seu olhar sobre a obra, quais aspectos serão averiguados. No caso deste artigo, que reflete o início de minhas investigações para a tese de doutorado em Literatura Comparada, trata-se de detectar as marcas literárias do texto de Gilberto Freyre, bem como buscar o seu lugar dentro das diversas narrativas e a sua contribuição como um dos principais textos interpretadores do Brasil, a partir de suas representações da sociedade brasileira.

Não pretendo fazer teoria do discurso científico, haja vista que não focalizarei meu objeto de estudo pelo viés da antropologia, da sociologia nem dos estudos culturais, embora venha utilizar desses campos do saber em diversos momentos desta reflexão. Pretende-se verificar o objeto pelo olhar de um pesquisador de literatura. Em contrapartida, não se trata de desenvolver uma teoria da literatura, mas de perceber que ela (a teoria da literatura) tem aplicabilidade na obra de Gilberto Freyre e que ela é um instrumento elucidador, capaz de ampliar a leitura da obra, e, portanto, promover uma reflexão sobre a história social do Brasil e o papel da ciência e da história na sua construção.

O que se constata, inicialmente, é que há duas hipóteses nesta observação. A primeira é que *Casa-grande & Senzala* não é um texto puramente literário, mas uma “literatura em potência”, por estar num grupo de gêneros que é literário, na medida que é uma matriz da visão cultural do Brasil que teve desdobramentos no campo literário. A segunda hipótese, um tanto frustrante, seria a de constatar que a teoria da literatura existente até agora é deficiente, ora porque possui lacunas que permitam a entrada de outros textos que não sejam literários, ora porque está debilitada de reflexões

sobre as transformações dos gêneros literários na contemporaneidade.

Por escolher a primeira hipótese, porém, entendendo que a segunda também possui plausibilidade teórica para uma pesquisa posterior, esta reflexão parte da percepção de que o texto freyriano é a grande narrativa brasileira que não tem lugar em nenhum gênero da escrita, justamente por estar na fronteira de todas elas. Esta é a superioridade de *Casa-grande & Senzala* - uma obra tão rica de conteúdos e formas de narrativas que nos obriga a deixá-la num “entre-lugar” da escrita. Além disso, é necessário perceber que a Teoria da Literatura permite ler textos como o de Gilberto Freyre quer por causa das marcas literárias, quer porque podemos encará-la (e devemos!) como epistemologia, isto é, como teoria do conhecimento – neste caso específico, do conhecimento da história.

Gilberto Freyre influi poderosamente no destino das ciências sociais, do discurso historiográfico, e, também, dos estudos de literatura e de cultura brasileiras. Seu espírito democrático o ligava profundamente a todas as fontes - específicas ou populares - caminhando, assim, de forma muito similar às novas mentalidades da escrita da história que surgiam, na mesma época, na França, com a Escola dos Anales, e nos Estados Unidos, através do *New Historicism*. O que se verifica é que o caráter não-oficial impede que qualquer dogmatismo acadêmico de concepção de mundo caminhe em sintonia com as imagens freyrianas. O autor recolheu não só os conhecimentos do saber oficial para sua pesquisa, mas também da corrente popular dos antigos, nas cantigas dos escravos, dos índios e dos portugueses, nos provérbios, enfim, na boca de todas as classes sociais. A estes episódios, une-se o estilo artístico da sua narrativa que, por vezes, abre espaço para a inserção de um imaginário literário. Este trânsito livre pelos diversos discursos do saber faz com que *Casa-grande & Senzala* seja uma obra híbrida que não possui um lugar definido como gênero textual. Sua forma e sua linguagem mais solta rompem com o academicismo demagógico e opressor, para construir uma pesquisa mais ampla e aberta a todos os tipos de reflexões. Neste sentido, trata-se de uma obra que acaba dialogando e questionando o rigor da retórica acadêmica, apontando suas debilidades e ineficiências. *Casa-grande & senzala* é uma obra que reescreve e reinterpreta a formação da sociedade brasileira de uma forma original e irreverente, e que, por outro lado, carrega uma grande parte de subjetividade. Será justamente neste ponto que a

obra se aproximará da literatura, porque Freyre acabará misturando a pesquisa com suas memórias de menino criado no engenho.

Publicado em 1933, no mesmo ano em que Adolfo Hitler assumia o poder na Alemanha e Franklin D. Roosevelt chegava à presidência dos Estados Unidos, esta obra atacava as idéias racistas que seriam responsáveis, no final, pela mais devastadora guerra.

Perceber *Casa-grande & Senzala* como uma obra que transita na fronteira entre a ciência e a literatura não é nenhuma idéia escandalosa. O próprio Gilberto Freyre interpretava a história social do Brasil-Colônia como se ela - a história - fosse carregada de um estilo romanesco, como se fosse a mais verdadeira ou, talvez, a única colonização acontecida de fato na América.

A história social da casa-grande é a história íntima de quase todo brasileiro: de sua vida doméstica, conjugal, sob o patriarcalismo escravocrata e polígamo; da sua vida de menino; do seu cristianismo reduzido à religião de família e influenciado pelas crendices da senzala. O estudo da história íntima de um povo tem alguma coisa de introspecção proustiana; os Goucourt já o chamavam “ce roman vrai”. (C.G.S. prefácio a 1ª edição, p.lxv)³

Se o fato que Freyre desejou representar possui um certo estilo literário, torna-se inevitável que a escrita sobre este fato caminhe em sintonia com o objeto de estudo. Entretanto, não se deseja afirmar que a formação da sociedade brasileira, no século XVII, foi um episódio grandioso e eloqüente, mas sim que o olhar de Gilberto Freyre sobre este período da nossa história é um olhar romanceado que acaba deformando e metamorfoseando a história, se levarmos em conta os discursos historiográficos e científicos tradicionais. Todavia, esta metamorfose do objeto não se dá através do enredo, isto é, no seu conteúdo (personagens, cenário ou tempo histórico), mas na forma da narração. Tampouco trata-se de uma transformação do objeto sob o aspecto negativo, de depreciação ou de falseamento; pelo contrário, o seu método de abrangência multidisciplinar permite um novo olhar sobre a história social da colônia, uma reflexão mais natural e livre dos rigores científicos que, muitas vezes, limitam as possibilidades de interpretação. Tal desprendimento metodológico sem dúvida deve-se à influência de seus estudos no exterior.

³ Todas as citações de *Casa-grande & Senzala* (1999), doravante nomeadas C.G.S., pertencem à edição mencionada.

A forma harmoniosa e, talvez, “irreal” pela qual Freyre percebeu a nossa sociedade patriarcal cria algumas lacunas das quais a perspectiva acadêmica não tem conseguido dar conta. Diferenciando-se dos demais discursos, a vertente imaginada foi narrada de uma forma mais livre e solta, por uma linguagem que se renova por conta do plurilingüismo e por conta dos extratos “romanescos” da língua literária. Uma leitura despreocupada poderá notar que o autor não possui o rigor metodológico que se exige para trabalhar com tema tão amplo. Entretanto, numa leitura mais atenciosa é possível perceber que o descompromisso metodológico é aparente porque o autor mostra, durante a sua narrativa, as investigações feitas sobre o tema, quer por constatação em registros escritos, quer por coleta de dados através de fontes orais. Dentro do corpo do texto e, sobretudo, através de excessivas notas, percebe-se o estudo cuidadoso e carinhoso do autor para a elaboração de *Casa-grande & Senzala*. Em contrapartida, não se pode negar o estranhamento do leitor quanto a esta narrativa, se comparada às demais obras que tentam explicar o Brasil. O que ocorre é que *Casa-grande & Senzala* não é um texto que pode estar inserido inteiramente no discurso científico, porque não segue as normas acadêmicas oficiais, nem na ficção literária, porque narra fatos “realmente” acontecidos. Parece-nos, então, que estamos num “beco sem saída” para tal problema, porém as respostas vão despontando se tratarmos a obra como uma narrativa que está inserida nos diversos tipos de discursos, mas que, por outro lado, não é nenhum desses discursos propriamente ditos. Isto é, ela está inserida no discurso científico, mas não é ciência pura, e está inserida nos estudos literários, mas não é literatura. Penso que esta reflexão deveria ser também inserida dentro da discussão de gênero textual, sua história e transformações no decorrer do tempo; campo de pesquisa, em meu ver, tão esquecido pelos teóricos da literatura.

As pesquisas dos diversos campos do saber evoluem a cada dia, na medida em que o mundo e o homem se transformam. Assim, não podemos mais dar conta de fenômenos químicos a partir do modelo atômico da década de 70, por exemplo. Da mesma forma, não podemos dar conta de um texto como *Casa-grande & Senzala* a partir dos modelos de gêneros textuais atuais que já se encontram defasados se inseridos no contexto das narrativas contemporâneas. O que se está tentando demonstrar é que a obra freyriana não deve ser entendida como uma narrativa estranha, mas sim que a Teoria da

Literatura e a Teoria do Discurso Científico em geral vêm caminhando ineficientemente, por não acompanharem as transformações de gênero.

Um dos textos de maior importância que se prestam à explicação do Brasil, *Casa-grande & Senzala* contribuiu para a reflexão e também para a formação da identidade nacional, não apenas pela narração dos fatos históricos das vidas oficial e privada, mas pela sua subjetividade que transita pelo ideológico e pelo místico na representação da sociedade brasileira. Portanto, há dois lados bem opostos, mas que se complementam, se integram, se confundem e se justificam na obra: um lado altamente científico, em que se percebe a pesquisa rigorosa feita pelo autor antes de iniciar sua narrativa, e um outro lado subjetivo e aberto, em que a reflexão inicia, desenvolve-se durante a leitura e não se fecha. Isto é, o autor não quer formular uma explicação “verdadeira” para a formação da sociedade brasileira, mas quer pensar sobre este processo de formação. Este pensar freyriano se dá durante o processo da escrita, como se o autor “pensasse alto”, ou melhor, “pensasse escrevendo”. Acompanhando o pensamento de Gilberto Freyre, o leitor também acompanha as trilhas percorridas no processo de criação – as da razão e as da imaginação. Dentro deste grande diálogo amplamente penetrado pela idealização, Gilberto Freyre consegue justificar seu olhar otimista da sociedade patriarcal do século XVII.

O início de *Casa-grande & Senzala* se dá com “Características gerais da colonização portuguesa do Brasil: sociedade agrária, escravocrata e híbrida”, em que ele apresenta uma colônia de economia escravocrata e de composição *híbrida*. Este termo será a chave do pensar e do criar freyriano em *Casa-grande & senzala* porque ele entende que a sociedade brasileira, bem como sua cultura, são híbridas devido à fusão natural das culturas européia, indígena e africana. Não há como pensar em brasileiro isentando-o dessas influências, ou melhor, sem entender que ele é o novo, formado a partir da mistura dos três elementos. Consoante a esta perspectiva, observa-se que sua escrita utiliza-se de várias influências culturais e intelectuais, caracterizando uma narrativa híbrida por possuir vários estilos e formas. Objeto da narrativa e narração fundem-se num só, e confundem-se, na medida em que já não se sabe, com tanta clareza, o que é o fato e o que é o texto. O que é objeto da cultura brasileira: seus relatos sobre a cozinha indígena e sua influência na culinária brasileira ou a própria obra que é,

concretamente, uma forma de expressão cultural brasileira, e que, por isso, torna-se arte? Que gênero é este que quer contar a “verdade” (quer?) através da veia artística?

Na verdade, é a escrita em si que dá significado aos eventos reais porque ao serem representados são lembrados e perpetuados. Desta forma, a relação da Literatura com a História é quase um confronto entre narrativas, pois ambas começam na palavra escrita e não nos fatos, diferenciando-se na forma de narrar. O historiador constrói um mundo baseado em documentos e registros concretos que atribuem veracidade ao seu discurso e o romancista constrói um mundo possível baseado, sobretudo, na sua criatividade e imaginação. Todavia, o que ocorre em *Casa-grande & senzala* não é uma tensão entre discursos, mas o contrário, a relação entre realidade e ficção se dá harmoniosamente, uma complementando a outra. Essa relação é a soma do material colhido para a pesquisa a novos dados, frutos da imaginação e, assim, o autor vai além da história, acrescentando *detalhes*, e flexibilizando a linha divisória entre fato e ficção. A oscilação de aceitação e de interpretação de *Casa-grande & Senzala* no percurso político nacional se deu devido à liberdade da obra de representar o acontecido, provocando leituras diferentes das feitas no discurso tradicional.

No decorrer deste exame, podemos perceber que o híbrido freyriano muito se assemelha a idéia de híbrido utilizado na teoria literária de Mikhail Bakhtin, pois em ambos a teoria de uma cultura híbrida é tema e produto da própria obra. Se Gilberto Freyre foi um dos pioneiros a usar o conceito de híbrido nos estudos sociais brasileiros, Mikhail Bakhtin também foi um dos primeiros, nesta mesma época, a introduzir este termo nos estudos literários ao pesquisar os fenômenos da cultura popular na Idade Média e no Renascimento. Vejamos o que ambos autores têm em comum, ou melhor, como é possível aplicar a teoria bakhtiniana em *Casa-grande & senzala*, para melhor compreendermos o texto freyriano.

Freyre ao utilizar a idéia de hibridização na formação da sociedade brasileira refere-se à mistura dos três componentes que atuaram no processo de colonização - o índio, o europeu e o africano - bem como ao convívio das três culturas que acabaram por formar o brasileiro e a cultura nacional. Se é evidente a disponibilidade do dominador em interagir sexualmente com os dominados para procriar e formar a nova colônia, é certo, também, que foi uma alternativa única, tendo em vista que não havia

mulheres brancas no solo tropical. É fácil imaginar que tal miscibilidade não se daria da mesma forma se houvesse naquela época um número razoável de européias no Brasil.

Desta forma, a teoria de Bakhtin não se aplica plenamente se observarmos que em *Casa-grande & Senzala* o colonizador não perde seu status de poder na história social do Brasil colonial. A aterrissagem do senhor de engenho para a miscigenação é apenas parcial e fingida, dando-se apenas no âmbito da sexualidade, autorizada por um determinado momento, não tendo nenhuma relação com a esfera popular.

Entretanto, o fruto desta “integração” - o mulato - é a presença constante do negro e do branco numa só pessoa. Temos, então, neste único espaço corporal as duas pontas da sociedade colonial convivendo igualmente. É o negrinho, na senzala, com ares do senhor de engenho, ou aquele que nasceu mais branquinho e que, por isso, foi abrigado no interior do lar para trabalhos domésticos ou para divertir os filhos legítimos. Estes mestiços ironizam a distribuição de classes pela raça, pois estão na casa-grande em condição de escravo ou filho de escravo, afrontando à família colonizadora por possuir os olhos, a boca ou o nariz de branco. Que tipo de indivíduo é este, ou melhor, que sociedade é esta que se forma através deste mecanismo e que representará o povo e a cultura brasileira?

É preciso perceber que a própria narrativa de Gilberto Freyre também aterrissa, se comparada ao discurso oficial, para mostrar as imagens do corpo e das necessidades naturais da vida sexual de um “corpo popular, coletivo e genérico” (BAKHTIN, 1999, p. 17). Estas imagens do corpo se dão no plano do “baixo”, da terra, que é o começo porque gera a vida. O seio materno que alimenta e perpetua é o seio da negra e da índia; o canal comunicante que propiciou a renovação e a formação da sociedade é o órgão genital da negra e da índia. Assim, as imagens em *Casa-grande & Senzala* nos apontam para uma sociedade constituída a partir das bases biológica e cultural do baixo para o alto.

A inserção parcial e controlada do negro na casa-grande promoveu a mistura das culturas, nas quais não há registros de maiores resistências. Desta forma, mesmo havendo interação sexual “autorizada” apenas para a proliferação da sociedade, devemos nos lembrar de dois fatores importantes no texto de Gilberto Freyre:

1. A renovação e a continuidade da vida são uma das características do universo carnalizante, apontada por Bakhtin, exemplificada, sobretudo, por meio da obra de Rabelais. Portanto, pode-se dizer que o processo de miscigenação entre o senhor de engenho e o negro e, também, o índio abordado em *Casa-grande & Senzala* está em sintonia com algumas características da carnavalização. É o triunfo da vida sobre a morte na perpetuação da existência através do corpo coletivo.
2. A noção de cultura nacional apontada assemelha-se à idéia de cultura popular levantada por Bakhtin; uma cultura formada pela absorção de todas, bem digeridas, formando uma unidade na diversidade. Nesta vertente, Mário de Andrade foi o pioneiro, no Brasil, ao abordar a cultura brasileira desta forma, ao sugerir a imagem de *um tupi tangendo um alaúde*. Freyre caminha nesta perspectiva ao entender que nossa cultura está inserida dentro de uma diversidade social, psicológica e espiritual.

Na prática, Gilberto Freyre ao assinalar o triunfo da cultura do dominado sobre a cultura oficial do dominador, sugere também a renovação e a libertação das imagens do povo negro que se perpetuam e sobressaem até hoje na sociedade brasileira. Este ideal utópico do autor, talvez um tanto ingênuo, baseia-se justamente na percepção carnavalesca de mundo, não no plano de uma sociedade igualitária, mas da nacionalidade, da sociedade e da cultura do Brasil.

Contudo, será, no discurso que a teoria da literatura bakhtiniana se aplicará com maior sucesso em *Casa-grande & Senzala*. Este embasamento teórico é aplicado na obra de Gilberto Freyre, levando em consideração alguns pontos relevantes. Em primeiro lugar, o seu caráter polifônico, tendo em vista que se trata de uma obra aberta, em que o diálogo não se conclui. O texto é marcado pela pluralidade de estilos e vozes de diversos gêneros, distanciando-se de uma possível unidade estilística e ideológica. *Casa-Grande & Senzala* é a fusão do popular e do erudito, do sacro e do profano, empregando gêneros intercalados, como cartas, canções do folclore, lendas, discurso historiográfico, fontes orais, imagens, receitas, ensaios sociológicos, literatura etc. Em segundo lugar, ao romper com o discurso científico tradicional, o autor cria uma paródia da escrita da história, e cria um gênero novo, por meio da fusão com outros discursos. Seu destemor teórico constrange a ciência

canônica, acostumada a solucionar todos os problemas, e remove barreiras de toda espécie, sobretudo, do pensamento hermético.

Em determinado momento da obra, Freyre para ligar um assunto a outro, utiliza-se de recurso do tipo “era uma vez”, que acaba por determinar uma nova medida de verossimilhança ao texto.

Um nosso amigo e conterrâneo, viajadíssimo pelos sertões do Brasil, o médico pernambucano Samuel Hardman Cavalcante, perguntava-nos uma vez a que atribuir a freqüência da cor vermelha no traje das mulheres do interior. O fato observa-se tanto no Nordeste quanto no extremo-norte e na Bahia (...). (C.G.S., 1999, p104)

A credibilidade do texto se dará não só pela coleta de dados e documentos, mas, especialmente, pelas estratégias que o lado romancista cria para ligar o leitor ao texto.

Em *Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance*, no capítulo “Epos e romance: sobre a metodologia do romance”, Bakhtin analisa o que é um romance, sua estrutura e elementos. Neste estudo, o teórico afirma que o romance é um gênero que vem romper com as normas dos gêneros tradicionais e que, por isso, acaba parodiando estes gêneros, justamente como gêneros. É, sobretudo, neste ponto que podemos aplicar a teoria bakhtiniana em *Casa-grande & Senzala* e, desta forma, perceber como se exprime o romanceamento da obra.

O romance, como dissemos, se acomoda mal com os outros gêneros. E não se pode falar de uma harmonia possível, baseada sobre uma limitação e substituição recíprocas, O romance parodia os outros gêneros (justamente como gêneros), revela o convencionalismo das suas formas e da linguagem, elimina alguns gêneros, e integra outros à sua construção particular, reinterpretando-os e dando-lhes um outro tom. Os historiadores de literatura às vezes são inclinados a ver nisto somente o conflito de escolas e de movimentos literários. Tal conflito certamente existe, mas trata-se de um fenômeno periférico e historicamente ínfimo. Por trás dele é preciso saber ver um conflito de gêneros mais profundo e mais histórico, o porvir e o crescimento do arcabouço de gênero literário. (BAKHTIN, 1993, p. 339)

Se substituirmos a palavra romance por *Casa-grande & Senzala*, na citação acima, perceberemos que se aplica plenamente, porque é

uma narrativa que entra também em conflito com os demais gêneros do discurso científico, assim como o romance entra com os demais gêneros literários. A obra de Freyre ao se aproximar do comportamento romanesco, absorve marcas literárias que a fazem dialogar não só com a ciência, mas que contribuem para a literalidade do texto.

A sua narrativa introduz uma problemática que não se esgota. O contato com o inacabado, com o não-específico nos dá a idéia de que o seu presente ainda não está concluído, isto é, ainda não conseguimos esgotar as possibilidades de explicar a Cultura Brasileira. A sensação de incompletude semântica aproxima o ensaio de Gilberto Freyre do estilo literário romanesco. Não se quer dizer que se trata de ficção literária, mas que *Casa-grande & Senzala* é uma escrita romanceada. Não se trata de um romance, mas da transposição deste gênero para uma nova área de representação: o ensaio. Nesta perspectiva, constata-se a amplitude desta obra que nem a teoria do discurso científico ou a teoria da história, nem a teoria da literatura conseguiram explicar. A parodização dos gêneros tradicionais é a própria conseqüência da narrativa romanceada, da inadequação ao convencionalismo da forma e da linguagem a nenhum gênero.

Observe-se o início do *Prefácio à 1ª edição*, em que o autor abre a obra de uma forma não esperada, subjetiva, começando a partir de si mesmo, e não se distanciando do sujeito.

Em outubro de 1930 ocorreu-me a aventura do exílio. Levou-me primeiro à Bahia; depois a Portugal, com escada pela África. O tipo de viagem ideal para os estudos e as preocupações que este ensaio reflete. (C.G.S., 1999, p. XIV)

Bakhtin, ao tentar produzir uma teoria do romance, observa que o contato vivo com o inacabado e com a sua época é a principal forma de se exprimir o romanceamento dos gêneros. E se a teoria revela “total incapacidade em relação ao romance” (BAKHTIN, 2002, p. 401), outros gêneros romanceados, como *Casa-grande & Senzala* irão colocar esta teoria também em xeque. “Sobre o problema do romance, a teoria dos gêneros encontra-se em face de uma reformulação radical” (BAKHTIN, 2002). Os pesquisadores ainda não conseguiram apontar traços característicos fixos que abrigassem o texto freyriano num único gênero literário. Esta impossibilidade se revela na medida em que podemos buscar índices

de gêneros dos mais variados, desde o discurso historiográfico tradicional até as marcas da oralidade.

Essa é a grande averiguação de *Casa-grande & Senzala* a ser feita dentro dos Estudos Literários: que tipo de narrativa Freyre criou ao misturar o biográfico e o existencial com o histórico, o literário e o intelectual? É o modernista da geração de 30 que caminha em sintonia com as mais avançadas vertentes de criação textual e de sentidos, como a Escola dos Anales e a teoria bakhtiniana? Sua obra está na vanguarda do seu tempo, porque possui uma percepção do novo que enterra as velhas formas do discurso científico e da história. Ao destronar a forma oficial, Freyre não propõe uma idéia puramente científica para explicar a formação da sociedade, mas sugere também as diversas imagens da colônia, direcionando-nos para uma nova concepção de seriedade científica.

Examinando os aspectos mais importantes da obra de Gilberto Freyre, podemos perceber que sua originalidade é determinada pela cultura nacional, cujas várias faces estão presentes em todas as imagens da narrativa e na sua própria estrutura. Tentar entender *Casa-grande & Senzala* no quadro da cultura e do discurso oficiais é fazer uma leitura, no mínimo, ineficaz. Da mesma forma, tentar compreendê-lo pelo viés da falta de rigor científico ou pela simples invenção – no sentido ficcional – também não nos levará a grandes avanços. Todavia, tentar ler o texto freyriano na corrente da cultura popular se opondo à cultura das classes dominantes é tentar compreender o ponto de vista pessoal do autor sobre o mundo, que abrange todas as entranhas da sociedade brasileira. Assim, a transposição de elementos carnalizantes da cultura popular para a obra de Gilberto Freyre é detectada no próprio ato de parodiar a escrita da história. Ao contar a história do Brasil, *Casa-grande & Senzala* torna-se, mesmo que intencionalmente, a própria paródia do discurso historiográfico. Em resumo, a obra freyriana antes de ser representação, é a própria vida, um jogo de imagens que se transforma em realidade.

Ao explicar o mito do conceito de raça, Gilberto Freyre desenvolve não só uma metodologia, como também um objeto de estudo original: o Brasil como a única civilização dos trópicos, a sociedade brasileira como uma criação excepcional dos portugueses que nela usaram métodos de colonização primorosos, como a mestiçagem, bem como o sistema cultural brasileiro formado por enormes diferenças, mas que, por outro lado, se reúnem por

complementaridades. Há, assim, uma profunda identidade entre o objeto do estudo e o método usado para estudá-lo, formando uma narrativa viva que está em amplo movimento, porque dialoga com muitas vozes e não tem medo do que está “abaixo da cintura”.

Casa-grande & Senzala apresenta uma dicotomia entre as duas formas de narrar: a séria e a informal. Freyre não se deteve apenas no que estava dito nos registros oficiais, a linguagem oral foi, também, uma grande fonte de informação na construção da obra. Ele foi a campo colher dados dos mais variados, de filhos e de netos de escravos. Desde informações sobre grandes personagens da época até as receitas de comidas feitas nos fogões da casa-grande e as feitas nas fogueiras das senzalas, tornando sua obra verdadeiramente enciclopédica.

O fato de Gilberto Freyre possuir um grande amor pelo Brasil não é algo irrelevante e que serve apenas para preencher espaços em branco com pensamentos redundantes. Foi este sentimento que conduziu sua narrativa através de um método que lhe permitia não só fazer uma reformulação teórica às formas de controle da imaginação da história da formação da sociedade brasileira, mas exprimir todo o otimismo que possuía em relação à sociedade brasileira e que, por outro lado, o discurso normativo tornava a transposição deste sentimento ao texto impossível. Esta forma de escrever sobre a formação da sociedade brasileira faz com que *Casa-grande & Senzala* possua uma forte relação com a ficção. O texto é muito mais uma narração de uma história do que uma averiguação. Ao contrário do discurso tradicional, o autor não se posiciona, não traça uma “verdade” científica, característica que, talvez, explique a aceitação e negação da obra por intelectuais, em diversos momentos políticos da história:

Em *Casa-grande & Senzala*, há um grande poder de criação artística, sobrepondo-se a uma documentação rigorosamente científica. (...) Da obra-prima da sociologia brasileira, verdadeira epopéia e - como todas as epopéias - sem começo, sem fim e sem conclusões, a gente pode tirar conclusões em favor da época patriarcal, recordada com saudades íntimas, e outras conclusões, diferentes, em favor da reforma radical, da abolição das injustiças do regime latifundiário. (CARPEAUX, 1943, p.107-8)

Freyre confere a *Casa-grande & Senzala* um estilo aberto a múltiplas leituras. João Ribeiro, num artigo para o *Jornal do Brasil*, em 31 de janeiro de 1934, afirma:

(...) Mas é desses escritores que não sabem acabar. O seu livro, conquanto grande (mais de quinhentas páginas), não conclue; as paredes esboçam uma cúpula que não existe. Convergem para a abóboda que fica incompleta e imaginária.

É um livro de nunca acabar como certos contos folclóricos sem fim. Poderia escrever outros e outros volumes, sem esgotar o mesmo tema.

E, contudo, é uma obra de excepcional valor. O seu inacabamento depende do método histórico de Taine: a acumulação de fatos, de notas, de observações. É uma congêrie de documentos brevíssimos, traços e sugestões que por exaustão deixam o leitor convencido. (RIBEIRO, 1952, p. 275)

A obra aberta permite, então, que se faça leituras a partir de várias perspectivas, e é neste ponto que começa atuação do *leitor*. Entretanto, é importante perceber que *CGS* não é uma obra incompleta por incompetência do autor. Ao contrário, é justamente devido ao estudo sério e amplo sobre a formação da sociedade brasileira que Freyre capta a complexidade de nosso país e cultura, e entende que não é possível fechar uma resposta única e verdadeira para uma história extremamente plural (se é que é possível apresentar a verdade de algo!). Desta forma, o leitor pouisa sobre as informações que são mais relevantes conforme seu meio e momento histórico e as decodifica a partir de suas experiências. Obviamente, este é o processo normal de toda e qualquer leitura. É o leitor que torna possível a literatura, entretanto, o que este artigo tende a observar é que *Casa-grande & Senzala* se diferencia da maior parte dos estudos historiográficos tradicionais que fornecem uma conclusão capaz de sanar a angústia da dúvida no leitor. Freyre não faz isto, ele promove a reflexão e a discussão sobre a formação da sociedade brasileira numa cadeia infinita.

Justamente, por esta inovação metodológica, *Casa-grande & Senzala* foi redescoberto e resgatado nos anos 80 por historiadores interessados na história do cotidiano, da sexualidade e da intimidade. Freyre, então, volta a ser valorizado por seu espírito precursor dos estudos históricos, que se dera, sobretudo, a partir dos anos 70 com a terceira geração da Escola dos Annales, como Fernand Braudel,

George Duby e Philippe Ariès, em que novas figuras que até então eram marginais passaram a ser o foco principal da investigação: a mulher, o escravo, a criança, a culinária etc.

À guisa de conclusão, ler *Casa-grande & Senzala* pelo viés bakhtiniano não se dá apenas por que a noção do *híbrido* foi estudada e inserida nos estudos literários por Bakhtin, na sua pesquisa sobre cultura popular a partir do contexto rabelaisiano, na mesma época em que Freyre utilizava este conceito para explicar a formação da sociedade brasileira, a partir da miscibilidade entre o português, o índio e o negro. Mas por perceber que ambos os teóricos da cultura entendiam que o popular era formado a partir de uma “unidade híbrida”. Ao observar que o texto de Rabelais absorvia as mais diversas manifestações da sociedade medieval e renascentista, desde as tradições eruditas às festas populares da praça pública, Bakhtin bem poderia estar falando, em vários momentos, da obra freyriana. Se Bakhtin acaba construindo uma teoria da cultura a partir da teoria literária, Gilberto Freyre faz o mesmo através da narrativa literária. Teoria, literatura e cultura unem-se e se confundem. É importante também examinar que eles pensavam *sobre* o hibridismo, pensando e criando *de forma* híbrida. Este tipo de comportamento investigativo estava, por sua vez, em sintonia com o ambiente do novo discurso científico que borbilhava na França.

Acabamos por ter, na verdade, um gênero que se aproxima da Antigüidade Clássica, na qual não havia os discursos divididos nos diversos campos do saber e a Literatura poderia ser um texto épico, uma narrativa filosófica, uma crônica etc.

ALVES, T. B. The place of *The Masters and the Slaves*, by Gilberto Freyre, in literary studies. *Revista de Letras*, São Paulo, v.44, n.1, p. 117 - 132, 2004.

- *ABSTRACT: This article sets out to contemplate The Masters and the Slaves as “potential literature” given that it partakes of a scientific as well as a literary discourse. It examines the extent to which it is possible to apply literary theory as a tool for reading the different narrative configurations arising from the constitutive split between the discourse of reality and that of fiction. This article attempts to reflect on Freyre’s works as a means of reading Brazil.*

- *KEYWORDS: Literature; science; history; Gilberto Freyre; Bakhtin.*

Referências

BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética*. 3. ed. Trad. Aurora Fornoni Bernardi et al. São Paulo: UNESP, 1993.

_____. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999.

_____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

FREYRE, G. F. *Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 36. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

CARPEAUX, Otto Maria. *Oblomov*, documento, romance, epopéia. In. *Origens e fins*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1943.

COUTINHO, E. *A imaginação do real: uma leitura da ficção de Gilberto Freyre*. Rio de Janeiro: J. Olympio; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1983.

RIBEIRO, J. Gilberto Freyre. In: _____. *Obras de João Ribeiro: Crítica*. Rio de Janeiro: Publicações da Academia Brasileira, 1952.